

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Fernanda Santos Gomes

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA:
Relações entre ensino de história e Movimento Tradicionalista Gaúcho**

Porto Alegre

1. Semestre

2015

Fernanda Santos Gomes

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA:
Relações entre ensino de história e Movimento Tradicionalista Gaúcho**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de habilitação: Licenciatura em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Porto Alegre

1. Semestre

2015

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Nilton Mullet, pela de dedicação em me orientar durante esta produção. Agradeço também aos demais professores que me acompanharam durante a graduação, em especial a professora Maria Clara Bueno Fischer, pelas orientações e auxílios durante a execução deste trabalho.

A minha família, que sempre motivou meus estudos. Meu pai Fernando Gomes pelo exemplo de dedicação e ética que me guiaram durante todas as minhas práticas, a minha mãe Janaína Gomes que contribuiu com suas ideias, conhecimentos e auxílio prático, e meu irmão Diogo Gomes pela ajuda no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e alunos, que se dispuseram a me auxiliar no fornecimento de informações e no incentivo ao trabalho, Mariana Chaise que viveu comigo na Espanha, e contribuiu com materiais e análises sobre o tema, Jéssica Leão que me apresentou suas experiências nas práticas tradicionalistas, Valeska Lima e Taís Brito pelo incentivo e contribuição neste trabalho.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que não estiveram presentes durante a execução deste trabalho de conclusão de curso, mas que foram importantes durante todo meu curso de graduação, pois foram muitos e espero que cada um reconheça suas contribuições em minha formação, ao longo desta produção.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma investigação com objetivo de problematizar a construção de identidade gaúcha, em escolas públicas estaduais, que possuem departamentos de ensino tradicionalista, na região carbonífera do Rio Grande do Sul. O foco deste estudo se concentra em discutir as relações que se estabeleceram entre as instituições escolares e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), no que diz respeito ao ensino da história e da cultura local, compondo o reconhecimento da identidade dos sujeitos. Analisou-se em uma perspectiva histórica, como os conceitos de cultura e identidade são utilizados para fundamentar ensinamentos de tradições e costumes. Se trata de um estudo de caso qualitativo, onde se desenvolveu um breve levantamento bibliográfico do surgimento do MTG, e os fatores que levaram a sua inserção no ambiente escolar, seguido por análises do processo histórico da composição social da região investigada. Na análise das ações de ensino, trago aspectos relevantes do conceito de “gauchismo”, presentes nos relatórios e diários de estágio e práticas da pesquisadora, realizadas nas instituições, relacionando com a verificação de materiais institucionais e pessoais e experiências acadêmicas que auxiliaram na investigação deste caso. Os dados apresentados ajudam a compreender a importância do papel da escola, na constituição pela qual construímos a percepção de identidade pessoal e coletiva, e na relevância que as referências históricas possuem sobre o modo de percebemos nossa história.

Palavras-chave: Identidade. Ensino. Cultura. Gauchismo. Tradição.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Pilar em homenagem a revolução Farroupilha, centralizado na praça central de São Jeronimo, com as inscrições: “Bento Gonçalves da Silva, 1º Presidente da República de Piratini” e “Aos Paladinos da Gloriosa Epopeia Farroupilha” 1835-1935.....	16
Figura 2	– Galpão de eventos da escola estadual de Charqueadas	19
Figura 3	– Aluno vestido de gaúcho	20
Figura 4	– Alunos ensaiando apresentação no Rodeio Internacional de Charqueadas.....	22
Figura 5	– Imagem do gaúco típico	23
Figura 6	– Definição de gaúcho.....	24
Figura 7	– Meninas vestidas de Sevillanas, no Dia da Cruz.....	31
Figura 8	– Cavalgada do Dia da Cruz, em Andaluzia.....	32
Figura 9	– Cavalgada Farroupilha do 20 de setembro, em Charqueadas	32
Figura 10	– Apresentação de Sevillanas, na região de Andaluzia	33
Figura 11	– Apresentação de Prendas, no ENART 2013.....	33
Figura 12	– Meninas vestidas de Sevillanas, no Dia da Cruz.....	34
Figura 13	– Meninas vestidas de Prenda no dia 20 de setembro.....	34
Figura 14	– Meninos vestidos com traje cordobés, no Dia da Cruz.	35
Figura 15	– Menino vestido com traje gaúcho.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E SUA INFLUÊNCIA NA COSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SUL – RIO GRANDENSE.....	10
2.1	A ESCOLA COMO AMBIENTE DE PRÁTICAS CULTURAIS.....	12
3	CAMINHOS DO GAUCHISMO.....	15
3.1	O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS.	17
3.2	OS ENSINAMENTOS DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SUL- RIO-GRANDENSE.....	18
3.3	OS LIVROS DIDÁTICOS	26
4	DE ONDE VÊM ESSE GAÚCHO?	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

*Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a estória
Não me deixaram nem sequer matizes? ”
(Herdeiro do Pampa Pobre- Engenheiros do Hawaii, 1991)*

No estado do Rio Grande do Sul as tradições possuem grande influência sobre as práticas políticas e sociais, principalmente na forma como se é reconhecido e visto perante os outros estados brasileiros. Isto é visível através das falas dos moradores do estado e de diversos meios de comunicação, como programas de televisão, artigos, reportagens, comerciais, blogs e demais artefatos de informação, que apresentam os acontecimentos e as opiniões dos sujeitos sul-rio-grandenses.

A instituição escolar é um dos principais ambientes de integração entre conhecimento de história e aquisição de costumes e valores. Instituições públicas estaduais, que possuem Departamentos de Tradições Gaúchas (DTG), ou realizam práticas deste âmbito com frequência, transformam-se em locais para disseminação de conceitos e imagens, muitas vezes estereotipadas, vindas de espaços e fontes literárias que apresentam versões históricas e tradições adotadas por grupos sociais específicos, cultivando um “olhar direcionado” sobre a história e a constituição do sujeito gaúcho.

A presente investigação trata-se de um estudo de caso qualitativo. De acordo com Roese (1998) neste tipo de abordagem é possível estudar fatos, que ocorrem em um ambiente com características específicas, que podem ser refletidos em uma realidade mais ampla, da qual o pesquisador já possui uma ideia pré-concebida. O objetivo desta metodologia é compreender de que forma e por quais motivos estes fenômenos ocorrem, e quais resultados geram, analisando o caso por um novo ponto de vista científico.

Este estudo visa problematizar como o ensino das tradições e da história, que compõe a identidade regional, são apresentados nas escolas estaduais da região carbonífera, que possuem departamento de tradições gaúchas, o que historicamente impulsionou as relações com o Movimento tradicionalista Gaúcho. Para o processo desta pesquisa foram analisadas as experiências que realizei como

docente e pesquisadora, em escolas da rede estadual¹, nas cidades de Charqueadas e São Jerônimo, que possuem Departamentos de Tradições Gaúchas (DTG), e recebem alunos de toda a região carbonífera/ metropolitana². Hoje em dia existem cerca de 80 DTGs em todo o estado, sendo que 28 destes se encontram nesta região, e 4 dos mais antigos estão instituídos em escolas da região carbonífera. A escolha desta região se deve ao fato de ser um local que apresenta fortes características dedicadas a esta temática, com grandes eventos relacionados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, e por ser o espaço em que estudei e realizei minhas experiências como docente, até os dias de hoje.

Na constituição desta investigação foi desenvolvido um levantamento bibliográfico sobre o tema, com a leitura de livros, teses e artigos que abordam o questionamento apresentado, se realizaram análises, destacando relatos e depoimentos em meus relatórios de práticas docentes³ e diários de observações⁴, que realizei ao final do meu curso normal com uma turma de 3º ano, durante seis meses, e com turmas de 1º a 4º ano inicial, durante todo o curso de graduação, por fim foram realizadas observações nas escolas e análises de documentos pertencentes aos ambientes investigados, normas, cartas de princípios e livros didáticos.

Minha intenção não é criticar o ensino das culturas na escola, já que este é também um espaço cultural, mas questiono o modo como este ensino ocorre, e as relações que se percebe entre as instituições de ensino e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que se encontra nas práticas e nos materiais destinados a aprendizagem da história e da cultura rio-grandense. Ao longo deste trabalho apresento o conceito de “gauchismo”, uma ideologia advinda do MTG, que ganhou grandes proporções nas últimas décadas, influenciando muitos aspectos da nossa sociedade, e utilizando a escola como ferramenta para essa reprodução.

¹ As Instituições não permitiram o uso de seus nomes neste trabalho, somente serão apresentadas imagens já publicadas pela escola, e fragmentos de documentos disponibilizados pelo departamento de Tradições Gaúchas.

² A região carbonífera é composta pelas cidades: Minas do Leão, Butiá, Arroio dos Ratos, Triunfo, Eldorado do Sul, São Jerônimo e Charqueadas. A maior parte das observações foi realizada nos dois últimos municípios citados. Charqueadas foi distrito de São Jerônimo até sua emancipação em 1982.

³ Os relatórios correspondem os períodos de 2010 a 2014, compreendendo as práticas realizadas ao fim do meu Curso Normal na Instituição de Charqueadas, e durante a graduação no Curso de Pedagogia.

⁴ São planos de prática, reflexões, anotações e fotografias de meu acervo pessoal, feitos durante minhas experiências como professora, estudante de graduação e observadora.

A temática aqui discutida se apresenta em diversos âmbitos da sociedade, e admitindo a relação entre estes, não deixarei de expor certas considerações importantes sobre a mídia, os centros tradicionalistas e demais espaços de disseminação cultural. Reconhecendo que a instituição escolar tem a possibilidade de interagir com as mais diversas fontes, o estudo se centralizará sobre o que este ambiente nos apresenta em relação ao ensino da história e da cultura de estado, e a responsabilidade que possuem no processo identitário de seus alunos.

Observando o contexto a ser estudado, é importante analisar como as experiências que ocorrem nas escolas, influenciam no modo de reconhecer a cultura regional, e de se apropriar de conceitos e sentimentos ligados a estas tradições. Investigar e avaliar como as práticas escolares são percebidas e admitidas pelos sujeitos que passam pelas instituições de ensino, nos possibilita a pensar na importância e cuidado que os educadores devem exercer, oportunizando espaços de ensino abertos a avaliação e discussão, para que seus alunos possuam um olhar autônomo sobre a história e os conceitos que lhes são apresentados, evoluindo sobre o modo de perceber os próprios costumes e constituir suas identidades.

O interesse por esse tema surgiu a partir de experiências e estudos que realizei ao longo dos anos, dentro e fora do ambiente escolar. Assim como a maioria dos gaúchos, fui educada ouvindo sobre o orgulho e as belezas do estado, e realmente me agrada viver aqui, mas isso não quer dizer que é correto omitir certos fatos da nossa história, ou não reconhecer a influência de outros povos, nos apresentando como totalmente autônomos e criadores legítimos de todas as tradições. Ao me posicionar como docente, durante minha formação profissional, percebi que muitas atividades, como a dança, o canto e a poesia, que são destinadas ao ensino de costumes, reproduzem ideias que apresentam o sujeito rio-grandense de uma forma muito singular, descrevendo seus trajes, seu comportamento e suas preferências, transmitindo a ideia de que aquele que não tem esse perfil, não é um verdadeiro gaúcho.

Para compreender como a reprodução ideológica e cultural, pertencente ao MTG, ocorre na escola, realizo uma análise a partir do contexto histórico apresentado por estudiosos desta temática, seguido pelas experiências de campo, com depoimentos, observações, e verificação de instrumentos didáticos,

possibilitando conhecer as estratégias adotadas e se há reconhecimento destas ações por parte dos membros que ocupam estes espaços de ensino.

2 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E SUA INFLUÊNCIA NA COSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SUL – RIO GRANDENSE

Considerando que a escola é um espaço onde a maioria das pessoas frequenta por um longo período da sua vida, principalmente durante a infância, quando estão construindo suas identidades, tanto individual quanto social, esta pesquisa tem em vista pensar no papel destas instituições na reprodução de aspectos culturais relativos a questões de pertencimento a um local ou a um grupo social. Antes de analisar quais as representações de sujeito “gaúcho”, que são apresentadas e reconhecidas, através de ações pedagógicas e materiais didáticos, realizaremos uma breve compreensão do contexto histórico e social em que as instituições observadas se inserem.

O conceito de identidade regional indica uma condição social, ligada a costumes e tradições particulares, que geram um sentimento de pertencimento. No Brasil, assim como em diversos lugares, existem regiões que apresentam divergências sobre as questões de pertencimento, em relação ao resto do país, por conta da grande diversidade social, histórica e geográfica, que dificulta a definição de uma identidade nacional. O Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros que apresenta fortes características de valorização da identidade regional, em conflito com a identidade nacional, dando grande importância em diferenciar os gaúchos dos demais brasileiros, ao mesmo tempo que, também utiliza o pertencimento ao país para se distinguir do perfil gaúcho dos países vizinhos.

Na passagem entre os séculos XVII e XVIII, o sujeito conhecido como gaúcho, era relacionado a figura do homem que desenvolveu um perfil a partir do convívio com povos indígenas, colonizadores espanhóis e portugueses. Segundo Zalla (2010), neste período este personagem era identificado como “andarengo errante”, sem paradeiro nem trabalho fixo, roubando o gado solto da campanha. Ao longo do tempo esses sujeitos ganharam uma conotação positiva, pelo trabalho que começaram a realizar como peões de estâncias, ainda mantendo os hábitos de seus antepassados. De acordo com Maria Eunice Maciel (2000), ao falar sobre a figura do gaúcho brasileiro, lembra que no começo do século XX o termo Gaúcho, advindo da palavra “*chaucho*” do espanhol e “*chaouch*” do árabe que significa pastor de

animais, não era utilizado como sinônimo de sul-rio-grandense, no decorrer do século que este termo foi adotado como identidade aos moradores do Rio Grande do Sul. Este fato pode estar relacionado aos movimentos de discursos tradicionalistas que ocorreram entre 1920 e 1970, criando novos mitos sobre a imagem do gaúcho.

Um evento importante que ocorreu na metade do século, contribuiu muito para compreender a idealização do estereótipo gaúcho mais conhecido, a criação do departamento de tradições gaúchas no colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre, que deu início ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Em 1947 o grêmio estudantil do colégio estadual criou o primeiro DTG, composto pelos conhecidos como “os 8 pioneiros”, que realizaram a “ronda gaúcha”, hoje conhecida como “semana farroupilha”, do dia 7 (dia da independência do Brasil) a 20 de setembro (início da revolução farroupilha) com atividades folclóricas do Sul⁵.

Em 1948 seguindo com as iniciativas de intervenção cultural, o mesmo grupo ainda se apresentava insatisfeito com as manifestações de aquisição do estilo de vida norte-americano no Brasil, que vinha sendo promovido pelas relações econômicas da época e, portanto, decidem criar os Centros Tradicionalistas Gaúchos (CTG). Esses centros criaram várias tradições a fim de aperfeiçoar o “gauchismo” com costumes advindos do campo e que segundo seus fundadores, seriam autênticos da nossa região, difundindo a imagem do gaúcho, entre o homem letrado e o homem do campo, considerando que seus fundadores eram membros da elite rural (ZALLA, 2010).

Os Centros Tradicionalistas Gaúchos foram se expandindo ao longo dos anos, por todos os estados brasileiros, e até mesmo em outros países, por conta da diáspora gaúcha, que ainda busca manter seus costumes fora do estado, na tentativa de preservar uma identidade, como apresentado por Freitas (2006), “ Ser gaúcho fora do Rio Grande do Sul parece ser conservar e/ ou passar a dar importância a hábitos e comportamentos, que ou não tinham relevância no estado de origem ou simplesmente não eram considerados para constituição identitária das pessoas envolvidas.”

⁵ História informada pelo site do MTG: <http://www.mtg.org.br/>

Um dos conceitos que o MTG claramente defende e que pode ser facilmente reconhecido em sua carta de princípios⁶, trata da diferenciação do gaúcho e da legitimação do pertencimento ao Brasil:

Nós os gaúchos, que também, com muito orgulho, somos brasileiros, nos distinguimos dos outros brasileiros, como de outros povos e de outros grupos sociais, porque temos uma escala de valores muito característico e que nos torna diferentes dos demais.

E ainda em um dos itens de sua carta de princípios, como objetivo acrescenta: “Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.”.

Zalla (2010) em sua dissertação, ao abordar conceitos sobre representações culturais de identidade regional, com base em obras de autores que tratam desta temática, explica que a ideologia criada pelo movimento tradicionalista gaúcho não é somente constituída pelas peculiaridades da região, mas também pelo pertencimento ao Brasil, reconhecendo que a criação do movimento recorre a esta relação, em uma busca por uma resistência cultural, mas que desta forma limita um perfil do morador sulista.

2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE DE PRÁTICAS CULTURAIS.

A ideia empregada às representações da cultura gaúcha relacionadas a movimentos tradicionalistas é conhecida como “gauchismo”. Segundo (MACIEL,1994 *apud* BRUMM, 2006) “[...] por gauchismo é preciso compreender diversas manifestações culturais que tem o gaúcho como ponto de referência e que jogam sobre essas representações, exprimindo um sentimento de pertencimento”. O gauchismo tem em sua essência a intenção de reproduzir tradições através da figura do gaúcho, não há preocupação em estudar a história e reconhecer as origens de seus simbolismos, apenas repassam seus conhecimentos considerando-os como autênticos.

Como destacam Freitas e Silveira (2009) em seu artigo “*Lições de Gauchismo*”, a preocupação do movimento tradicionalista gaúcho ficou clara, no primeiro congresso, realizado na cidade de Santa Maria em 1954, onde Barbosa

⁶ Carta de princípios publicada no site: <http://www.mtg.org.br/>

Lessa, um dos principais fundadores, defendeu a valorização do tradicionalismo e a necessidade de seu ensinamento no ambiente escolar:

Deve o tradicionalismo, operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração. [...] por isso não temo afirmar que o dia mais glorioso para o movimento tradicionalista será aquele em que a classe de professores primários do Rio grande do Sul – oferecer seu decisivo apoio a esta campanha cultural. Aliás não se concebe por mais tempo que as escolas continuem apartadas do movimento tradicionalista.

Diante destes acontecimentos é possível perceber que houve um forte incentivo aos ensinamentos das tradições do MTG, e com estas a imagem do estereótipo gaúcho, como símbolo de conservação das raízes dos antepassados. Ao percorrer a história do Rio grande do Sul, percebemos as influências culturais advindas de portugueses, espanhóis, índios, africanos e de outros colonizadores europeus que chegaram mais tarde, mas pouco se fala sobre essas contribuições (KHÜN, 2011). É interessante pensar de que forma o movimento tradicionalista buscou por influências para concretizar suas ações. Em uma entrevista publicada pela revista *Na Janela*, sob o título: “*O homem que inventou o gaúcho*”, em 2014, Paixão Côrtes, um dos fundadores do movimento, falou sobre como realizavam as pesquisas para os CTGs:

Não tinha registro nenhum, você saía sem rumo, chegava em uma cidade, entrava num “bolicho”⁷, tomava um trago, puxava conversa: “Eu tô vendo que a tua roupa é diferente da minha”. E aí começava todo o processo [...]. Eu chegava para uma pessoa idosa e perguntava o que ela sabia sobre baile. Mas não ficávamos só narrando, era preciso levantar e mostrar, por isso fundamos o CTG 35, em Porto Alegre.

Nos espaços escolares quando se fala sobre a cultura gaúcha, geralmente esta é acompanhada da palavra tradição, e neste caso é importante pensar quais as definições destes conceitos. Segundo Silva e Silva (2006) “[...] tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente”, e “cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças”, seguindo estas definições as tradições

⁷ Pequena casa de comércio, para viajantes.

apresentadas pela escola deveriam ser baseadas em produtos do nosso passado histórico.

É possível reconhecer que a cultura popular, passada de geração em geração, contribui para o nosso conhecimento sobre muitos aspectos relacionados a tradição, mas as instituições de ensino, sendo uma das maiores responsáveis pelo processo de aprendizagem dos sujeitos, necessita possuir credibilidade pelos conhecimentos que transmite, com mais referências e evidências sobre o que se ensina. Sendo assim a ideologia criada pelo MTG em torno da figura do gaúcho, não pode ser a única aceita como legítima quando se fala em história e tradição.

3 CAMINHOS DO GAUCHISMO

A região carbonífera foi historicamente constituída pelas fazendas produtoras de charque⁸, as charqueadas, até que a partir século XX, passou a realizar a extração de carvão mineral, com a primeira Usina termoelétrica, e o poço mais profundo do país. A mineração na cidade de Arroio dos Ratos, favoreceu os moradores da região, permitindo o estabelecimento de casas e de transporte pela viação férrea, a dependência adquirida através deste trabalho criou uma identidade local, formada por moradores de cidades vizinhas e imigrantes europeus. De acordo com Golasz (2013, p. 33) “[...] nas duas primeiras décadas do século XX [...] poloneses e espanhóis foram os dois grupos mais numerosos a cruzarem o Atlântico, para trabalhar nas jazidas carboníferas da região”.

O local observado desenvolveu uma identidade regional vinculada ao mercado de trabalho, na participação fundamental que teve na produção de charque, e de abastecimento de carvão mineral para o país, no passado. Em um poema sem autoria, que se encontra nos documentos de uma das instituições de ensino, consta o seguinte trecho:

[...] eu venho lá da segunda, mas na lida, sou o primeiro, sou força, fé e coragem, sou charqueador, sou mineiro.
Me eternizei na paisagem, da cultura dessa gente.

É possível pensar que é devido a estes fatos, além de ser um local antigo, que teve participação na revolução farroupilha, sendo conhecido como “Passo das Tropas”, e que se orgulha por ser a região onde Bento Gonçalves nasceu⁹, o processo de emancipação e crescimento, desenvolveu um perfil dos moradores que contempla tanto as características de um cidadão rural, quanto a do cidadão urbano, além de apresentar fortes influências da cultura dos seus imigrantes europeus, ou seja, um modelo de sujeito favorável as práticas propostas pelo MTG (Figura 1).

⁸ *Charque*, se trata de uma carne conservada de forma primitiva, salgada e desidratada ao sol. Uma das grandes insatisfações econômicas que impulsionaram a Guerra dos Farrapos, foi o alto imposto sobre este produto.

⁹ Bento Gonçalves da Silva, um dos líderes da Guerra dos Farrapos nasceu na cidade de Triunfo em 23 de setembro de 1788.

Figura 1 – Pilar em homenagem a revolução Farroupilha, centralizado na praça central de São Jerônimo, com as inscrições: “Bento Gonçalves da Silva, 1º Presidente da República de Piratini” e “Aos Paladinos da Gloriosa Epopeia Farroupilha” 1835-1935



Fonte: Fotografia de Fernanda Gomes (Acervo pessoal).

As escolas de São Jerônimo e Charqueadas, assim como os grupos culturais (Centros Tradicionalistas, Grupos de escoteiros, grupos de gincanas e clubes) recebem alunos de todas as cidades da região, que procuram estes espaços pela oferta de cursos profissionalizantes, e também pela possibilidade de participar dos espaços de lazer e cultura, como os DTGs, que nos anos 70 começaram a surgir com o incentivo de educadores, dedicados ao ensino do folclore.

A busca por estas práticas se deve a necessidade de lazer e convívio social, que estes espaços possibilitam, e a escola é uma das instituições mais acessíveis para o desenvolvimento destas ações, pois está sempre presente nos eventos relacionados a cultura. Segundo Oliven (1993, p. 34)

[...] um CTG é caracterizado pelas várias atividades que executa, compreendendo a área “social” [...], as atividades culturais, as atividades campeiras e outras, e tendo uma sede que funciona também como um centro de entretenimento e lazer,

Nesta obra também se destaca que em pequenas cidades, é comum para o cidadão que não consegue se ascender socialmente em certos grupos (como Rotary, Lions, Maçonaria, por exemplo)¹⁰, fundar um CTG, ou ao menos um departamento, para conquistar relevância comunitária, inclusive competindo com outros centros.

3.1 O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS

O processo indentitário de um sujeito passa por diversas instituições, pela família, pelas igrejas, e por grupos sociais dos mais variados tipos, neste caso estamos analisando a escola, porque esta é responsável pelo compartilhamento de informação em massa, e mesmo que a tecnologia tenha avançado muito neste aspecto, esse ainda é um ambiente privilegiado de disseminação de saberes. A longo prazo a reprodução de práticas, podem atingir uma dimensão em que se tornam ações cotidianas, pouco problematizadas e sem muitos objetivos reconhecidos.

Após a expansão do MTG durante a metade do século XX, é possível observar através de registros em materiais didáticos e relatos, uma tendência da escola em reproduzir as ideias e práticas advindas do movimento. A presença destas ações tradicionalistas se apresenta tanto de modo formal, com os departamentos de tradições gaúchas que integram algumas escolas, e até mesmo em eventos que acontecem durante o ano, especialmente no mês de setembro, quando há festividades em todo o estado, e grande incentivo da mídia sobre estas comemorações.

Se entrarmos em uma escola do Rio Grande do Sul após o dia 7 de setembro, quando se encerram as comemorações da semana da pátria, provavelmente encontraremos crianças vestidas com bombachas, lenços e vestidos de prenda, ouvindo músicas e ensaiando apresentações de danças originas dos

¹⁰ Grupos existentes na região.

CTGs, pois nesta época os gaúchos celebram o marco inicial da revolução farroupilha¹¹, oficializada como feriado estadual em 1964¹².

O que se percebe nas práticas institucionais é a naturalização que se cria sobre os costumes do estado, os discursos que se realizam nas escolas durante o ano, questionando os preconceitos, valorizando o respeito e a compreensão entre todos, são ignorados nos momentos em que utilizam músicas, poesias, e demais ações ligadas ao gauchismo, que apresentam vários conceitos intolerantes, principalmente durante a Semana Farroupilha, em que vários discursos preconceituosos, como o machismo, aparecem em muitos repertórios musicais, utilizados durante as festas, sem nenhum receio. Durante as aulas do curso de pedagogia pude perceber que estes questionamentos são compartilhados por outros colegas, que também presenciaram situações similares.

Pode-se observar que os alunos que participam das práticas tradicionalistas são mais estimados pelos membros da instituição. Lembro-me que em minha escola de ensino fundamental, há pouco mais de 10 anos atrás, alunos que compareciam ao rodeio municipal, podiam faltar as aulas depois. Na análise destas relações considero os questionamentos de Bourdieu (1998) sobre o que o autor chama de “capital cultural” dos sujeitos, a cultura que a escola considera válida em um sentido generalizado, mas que é específica de um certo grupo social, e dessa forma exclui e ignora outros conhecimentos. Para compreender como ocorrem as relações entre o espaço dedicado ao tradicionalismo, e a escola, apresento uma reflexão através dos relatos de minhas experiências.

3.2 OS ENSINAMENTOS DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SUL-RIO-GRANDENSE

No mês de setembro é comum encontrar piquetes¹³ montados nas escolas, há inclusive alguns já fixos nestes espaços, para realização de diversas atividades

¹¹ O feriado considera que o marco inicial da revolução aconteceu no dia 20 de setembro de 1835, quando os soldados, liderados por Bento Gonçalves, tomaram Porto Alegre, obrigando o presidente da província, Fernandes Braga, a fugir para Rio Grande.

¹² A lei 4.850 de 11 de dezembro de 1964 oficializa a “semana farroupilha” no Rio Grande do Sul, a ser comemorada de 14 a 20 de setembro de cada ano, em homenagem e memória aos soldados farrapos.

comemorativas durante o ano, além do dia 20 de setembro, onde ocorrem rodas de chimarrão, apresentações, churrascos, entre outras atividades (Figura 2). Recordo de uma prática realizada com uma turma de 1º ano inicial, em que recebi um livro distribuído por um piquete, a história era baseada nos personagens “Capitão Rodrigo” e “Bibiana” da obra *O tempo e o Vento* de Érico Veríssimo¹⁴, nesta versão infantil, o menino Rodrigo adorava cavalgar, era corajoso e não chorava, e a menina Bibiana era sensível e prendada. Através da interpretação dos alunos nas conversas em sala, e nos trabalhos consecutivos, percebi que o livro somente reforçou a imagem de gaúcho que já possuíam, e foi neste momento que comecei a instigar sobre o assunto, será que para ser um autêntico sujeito sul-rio-grandense precisamos parecer com “Bibiana” e “Capitão Rodrigo”?

Figura 2 – Galpão de eventos da escola estadual de Charqueadas



Fonte: Fotografia de Diogo Gomes (Acervo pessoal)

Nas instituições de ensino que observei e atuei como docente, pude perceber como é comum a apropriação de práticas tradicionalistas descontextualizadas, como uma tentativa de aproveitar certos momentos para reafirmar essa identidade. Um exemplo destas práticas é o uso da “pilchas”¹⁵,

¹³ *Piquete* é o local dedicado a atividades campeiras, semelhante a um estabulo, referenciando o local onde se mantêm os cavalos presos.

¹⁴ *O tempo e o Vento*, série literária do escritor Érico Veríssimo. A série é composta pelos livros: *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961). Esta obra é muito usada nas escolas, como literatura tradicional, direcionada ao ensino de história e cultura.

¹⁵ “Pilcha” é a indumentária tradicional, para homens e mulheres, instituída pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

vestido de prenda e trajes, nas comemorações de festas juninas, mesmo sabendo que as festividades não possuem relação direta e exclusiva com a cultura gaúcha, já que se trata de uma festa em homenagem aos santos, da cultura portuguesa, as escolas indicam que neste estado, os alunos devem se “pilchar” e não se vestirem de caipira, como sugere a tradição destas festas (Figura 3).

Figura 3 – Aluno vestido de gaúcho



Fonte: Fotografia de Janaína Gomes (Acervo pessoal).

Tratando deste tipo de evento, trago minha experiência como docente em uma turma de 3º ano, de uma escola estadual. No dia da festa junina, além da exigência das pilchas, os alunos deveriam realizar uma apresentação de dança, que variava entre músicas folclóricas das festas de junho, e as músicas dos centros tradicionalistas, havia um repertório pré-estabelecido e a coordenação distribuía uma canção para cada turma. Na ocasião ao perceberem que a turma era constituída por uma maioria de meninos, concluíram que não era possível organizar pares de dança, e no último momento solicitaram que dançassem em roda, utilizando uma música¹⁶ que falava de tragédias amorosas e de “afogar as mágoas” no bar. Sempre presenciei ações deste mesmo gênero diversas vezes em minha vida escolar, mas somente percebi os problemas, quando me coloquei pela primeira vez na posição de educadora, pensando nos ensinamentos da escola, e dos seus reflexos no comportamento dos sujeitos.

O uso das roupas é sempre solicitado, principalmente para os alunos menores, em alguns casos pedem que os pais comprem a “indumentária” completa, para que os alunos possam participar das atividades, muitos aceitam esse pedido

¹⁶ A música se chamava “Vou pro buteco” do Grupo Tchê Barbaridade.

concordando com a ideia da escola, outros preferem ignorar ou não participar dos eventos. Reconheço que existem muitos espaços onde se disseminam esses costumes, mas a escola pública como espaço de ensino, tem a autonomia de mostrar que para pertencer a um lugar, não precisamos seguir um modelo, não é necessário possuir as características dos membros do MTG, para se reconhecer como gaúcho.

Os principais motivos que levam a escola a buscar por estes espaços, é a tentativa de que através dos movimentos culturais se desenvolva uma formação de valores, que ao mesmo tempo também oportunize práticas artísticas que atraiam os estudantes. Segundo muitos educadores as práticas realizadas pelos grupos, como: apresentações teatrais, danças e declamações, são consideradas como recursos pedagógicos para o ensino da história, da literatura e da arte do nosso estado, portanto os aspectos culturais relacionados a representação do sujeito gaúcho, como o comportamento, e as práticas folclóricas, são remetidas ou baseadas nos mesmos ensinamentos dos centros tradicionalistas. Essa busca acontece pela falta de recursos e talvez de preparo dos membros da escola, em construir espaços lúdicos para a prática deste ensino, com pesquisas literárias, entrevistas com moradores e em outras fontes, mais versões históricas das nossas tradições, do que apenas uma.

Os espaços culturais e artísticos destas instituições são limitados, e os departamentos são um dos poucos locais que geram a oportunidade de realizar as práticas de danças, dramatizações e participação em eventos interativos, que motivam a procura por inserção nestes espaços. Na tentativa de preservar as tradições, além do incentivo à inserção nos departamentos, que leva os alunos a participarem de *invernadas*¹⁷ e outros eventos, são organizados passeios (excursões) para os rodeios de toda a região, e em algumas situações são elaboradas apresentações artísticas dos alunos, como *saraus* e concursos, nestes locais (Figura 4).

¹⁷ As “invernadas” são eventos elaborados durante o inverno, como um acampamento onde os grupos se reúnem para práticas folclóricas.

Figura 4 – Alunos ensaiando apresentação no Rodeio Internacional de Charqueadas



Fonte: Fotografia de Janaína Gomes (Acervo Pessoal)

No ambiente investigado as aulas sobre a história do Rio Grande do Sul, são planejadas pelos critérios de cada professor, que possui autonomia para eleger os recursos e métodos que achar mais adequado, mas ainda assim existem momentos em que toda a comunidade escolar influencia nas práticas de ensino, envolvendo esta temática. Na escola de Charqueadas todos os anos ocorrem grandes eventos, mostras, gincanas e festas comemorativas, que envolvem toda a comunidade escolar e geralmente consideram alguma prática tradicionalista, em que se observa uma supervalorização do aluno participante nestas ações. Em alguns momentos não é preciso haver motivo ou planejamento para que estas práticas ocorram, em uma das situações que registrei de minhas experiências na escola, foi solicitado que todos os alunos, no período de aula, se reunissem no auditório para ouvir a declamação de uma menina, aluna da escola, que havia ganhado um prêmio de primeira prenda, não havia nenhuma data comemorativa próxima, não foi perguntado aos alunos e professores se gostariam de ouvir a declamação, simplesmente foi mais uma oportunidade de preservação dos costumes.

Analisando estas práticas se encontram elementos do gauchismo bem definidos e cultivados nestes ambientes educacionais, os principais são os estereótipos de gênero, intolerantes e que promovem o orgulho pela ignorância associada a rusticidade do homem do campo, reproduzindo um estereótipo destes cidadãos, facilmente reconhecidos nas letras de música e nas poesias declamadas,

que também apresentam a mulher gaúcha prendada (a Prenda), submissa, bonita e forte. É difícil significar a identidade reproduzida pelo movimento, e que se dissemina por estes espaços escolarizados, pois ora o gaúcho é grosso bravo, mas também educado e gentil, e a “prenda” ora é sensível e bela, e em outros momentos é corajosa e sem vaidades, sempre buscando uma imagem entre o que o senso comum considera pertencente ao campo e do que pertence a cidade. Principalmente entre as crianças pequenas (entre 6 e 8 anos), é comum ouvir falas que apresentam a imagem de gaúcho reconhecida por eles, um sujeito que anda a cavalo, usa bombacha sempre, toma chimarrão e gosta de churrasco, se não se encaixam nestas características, dizem que não são gaúchos, pois existem muitos requisitos para aderir esta identidade, segundo seus aprendizados (Figura 5 e 6).

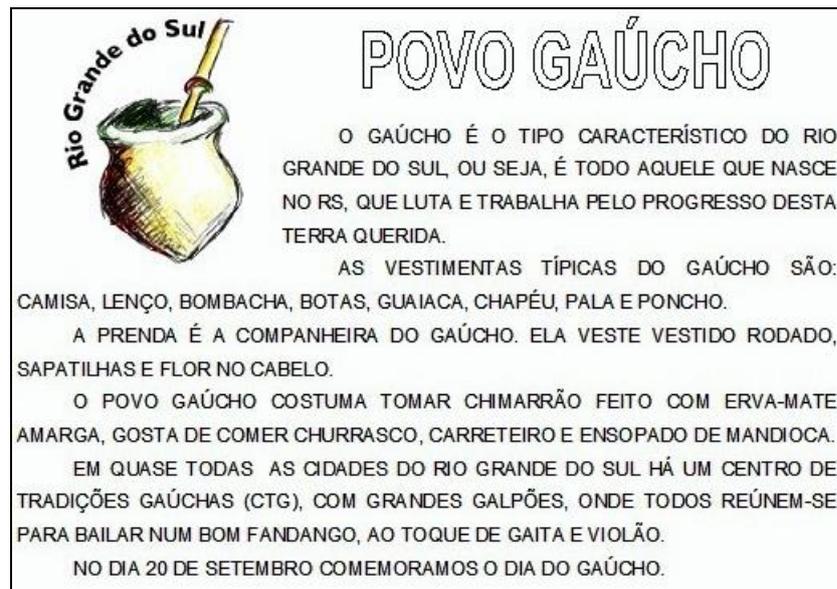
Figura 5 – Imagem do gaúcho típico



Fonte: Imagem encontrada em: <https://alemdovinho.wordpress.com>.

O gaúcho sempre foi o homem forte, com orgulho da terra e das coisas que nela existem. (fala de ex-integrante de DTG).

Figura 6 – Definição de gaúcho



Fonte: Imagem encontrada no blog: <http://alfabetizacaodivertida.blogspot.com.br/>

Para que estes espaços sejam atrativos a novos membros se cria um ambiente de caráter educacional, constituído por um cenário do imaginário pertencente ao passado, o sujeito aprende sobre a cultura vivenciando-a através da arte, da culinária e atividades campeiras que remetem a suas “origens”. Este culto do gauchismo é carregado de simbologia, de sentimentos genuínos ligados a natureza, de pertencimento a um povo de virtudes, que atraem facilmente pela capacidade de causar emoções, e pela oportunidade de fazer parte de um cenário tão cativante aos olhos. Refletindo sobre esta questão, apresento a fala de uma integrante do DTG:

Bah! No grupo foi a “realização” de algo que desejava desde pequena [...] quando menor eu ficava olhando a internada dos CTGs com aqueles vestidos lindos, cabelos presos e maquiagens, além dos ensaios, onde o grupo todo se dedicava para chegarem até aquele momento, achava lindo e me emocionava vendo tudo aquilo. Não podia ter tudo aquilo porque necessitava de grana, o que na época a mãe não tinha! Quando eu fui dançar no DTG da escola, já era maior, só tive uma apresentação em que eu não tinha sapatilha, e dancei de pés descalços [...].

O sociólogo Pierre Bourdieu (1989) trata destes fenômenos pelo conceito de “poder simbólico”, um poder que age sobre sujeitos de determinados grupos sociais sem que necessariamente os mesmos o percebam, neste mesmo âmbito relaciona-se com o conceito de “representações coletivas”, que está ligado a estratégias de

manipulação simbólica, determinando representações da realidade. O culto do gauchismo se preserva em uma ideia de autenticidade, do que é ser um autêntico gaúcho, e do que é necessário para participar deste movimento cultural, pois nem todo sul-rio-grandense quer participar destas práticas, e nem por isso deixa de ser gaúcho, mas em espaços como estas escolas é interessante pensar em como os membros lidam com as exigências, para pertencer a estas comunidades.

No caso do mais antigo DTG observado, os alunos o procuram como espaço social, e principalmente pela oportunidade de praticar danças, segundo depoimentos de integrantes, o que lhes descontenta e muitas vezes faz com que deixem o grupo, são as exigências de regras de comportamento e de aquisição de vestimentas, feitas pelo MTG. Os Centros Tradicionalistas Gaúchos (CTGs) e DTGs, assim como vários outros grupos socioculturais, exigem tanto socialmente como financeiramente de seus membros, limitando a participação de todos. Alguns depoimentos de integrantes e ex-integrantes apresentam estas insatisfações:

Eu entrei lá porque eu gosto de dançar [...] o DTG não se importa muito com a roupa, com a sapatilha que a gente usa nos ensaios, mas quando chega na apresentação o MTG cobra, e se não tiver com tudo certo não se apresenta, o problema é o MTG, para tudo que eu quiser participar, tenho que ficar pagando para eles. (Ex-integrante de DTG)

Eu vou porque eu sempre participei, mas está difícil, daqui a pouco o cara vai ter que pagar para poder usar bombacha! (Participante do DTG)

O documento de normas pertencentes ao DTG, apresenta o objetivo de estabelecer princípios disciplinares, que regulam as relações entre o departamento e seus componentes¹⁸, de forma rígida. Este é um documento elaborado por cada departamento individualmente, constando deveres da “patronagem”, dos “peões” e “prendas”, assim como as penalidades no caso do descumprimento dos mesmos, tendo como orientação a carta de princípios do MTG. Estudando o documento de normas de um dos DTGs, encontram-se os deveres, as proibições e as penalidades exigidas para participação no grupo:

São deveres do Peão e da Prenda:

Dançar e cantar músicas do folclore gaúcho;

Comparecer aos ensaios com vestimentas apropriadas;

Tratar com respeito a patronagem [...];

¹⁸ Dado descrito no documento de normas.

Evitar desperdício de tempo de ensaio, em conversas com colegas e familiares;

É proibido ao peão e a prenda:

Representar outra entidade sem aprovação da patronagem;

Usar goma de mascar durante ensaios e apresentações;

Lanchar nos intervalos dos ensaios.

Penalidade: Penalidades é a medida disciplinar a que está sujeito o peão/prenda que pratiquem atos que transgridam as normas, implicando em afastamento ou suspensão.

(Documento de Normas do DTG, arquivo pessoal).

Ao procurar uma escola que possui um dos departamentos de tradições gaúchas (DTG) mais antigos da região carbonífera, com mais de 20 anos de atividade, descobri que ao longo dos últimos anos criou-se um distanciamento entre os dois espaços, apesar de ainda pertencer a instituição, grande parte dos membros do DTG são alunos e ex-alunos, mas o fato de estar ligado ao MTG tornou o departamento um ambiente disponível para membros de fora da escola. Existe muita influência do grupo nas práticas de educação cultural, ainda se encontram muitos fragmentos referentes ao departamento dentro do espaço institucional, mas o contrário não ocorre, o departamento é um espaço independente, tem seu próprio “patrão”¹⁹ e a coordenação da escola não possui influência sobre as decisões tomadas neste espaço específico.

Nestes ambientes recentemente se observa que há práticas de ensino que não enfatizam a imagem padronizada dos gaúchos, alguns professores preferem focar em outros aspectos, como: a valorização da nossa natureza, o respeito e cuidado que devemos ter pelo nosso patrimônio histórico e natural, focando em estratégias que os façam apreciar características importantes e positivas do nosso estado. Estas ações já começam a operar em uma tentativa de se distanciar das antigas práticas, possivelmente pelo fato de serem inseridos novos profissionais nas instituições, possuindo uma formação eficiente para o ensino de história que dispensa o vínculo com as entidades externas. As mudanças podem se efetivar através da coordenação pedagógica, que tem a capacidade de repensar as ações, avaliando como estas relações com o movimento podem interferir nas práticas pedagógicas, pois existem novos elementos que apresentam mudanças neste cenário, o material didático é um deles.

¹⁹ “Patrão” é o termo usado para referenciar o responsável pelo centro ou departamento de tradições gaúchas, baseado nas nomeações dadas aos componentes das estâncias, no interior do estado.

3.3 OS LIVROS DIDÁTICOS

Os livros didáticos são um bom exemplo de fonte de informação incontestável, é difícil ver um aluno duvidar do que lê nestes livros, ainda que exista a mediação do professor, é importante analisar como esse recurso é apresentado aos alunos.

Quando realizei o curso normal em uma instituição estadual da região carbonífera do estado, o livro mais indicado para trabalhar com os alunos dos anos iniciais, era o *Dia-Dia do Professor*, nestes livros se encontram muitos exemplos da imagem do gaúcho brasileiro com as características próprias, bem conhecidas pelo senso comum, acompanhadas de algum fato histórico ou de simples constatações sobre o estilo de vida dos gaúchos.

A Guerra dos Farrapos é o fato histórico mais usado pelo movimento tradicionalista, a fim de afirmar os valores de bravura e coragem dos sul-rio-grandenses, geralmente estudamos sobre este evento no 5º ano (antiga 4ª série) dos anos iniciais, e muitas vezes existem certos déficits na forma como essa história é ensinada. Com base em experiências dentro das salas de aula de anos iniciais, nos relatos de alunos das escolas estaduais e do material didático utilizado nas aulas, nota-se que o ensino da história não é tão claro e aprofundado, contextualizado com a realidade da época do acontecimento, como apresentam Pesavento e Ostermann (1985):

[...] nos livros didáticos a Revolução Farroupilha é estudada como fato isolado, fora do contexto nacional não se estabelece com clareza as relações que se davam entre província periférica e o centro econômico e político do país onde se localizava a corte, sem o que toda e qualquer compreensão do movimento farroupilha fica prejudicada.

Na forma como a história é apresentada aos alunos parece que o Rio Grande do Sul era o único insatisfeito com a exploração do império, mas esta insatisfação também era compartilhada nas revoltas da Bahia (Sabinada) e do Pará (Cabanagem), por exemplo. Considerando os textos dos livros didáticos atuais, ainda encontramos muitas coisas semelhantes aos materiais antigos, e vários conceitos de senso comum, como os sentimentos de superioridade e principalmente

de orgulho, mas já é possível perceber que procuram mais coerência e sinceridade sobre os fatos ensinados.

Há algum tempo atrás, no período de regime militar, o ensino de história e geografia nos anos iniciais, era conhecido como “estudos sociais”, que começava a receber mais dedicação a partir da 3^o e 4^o série, mas depois de muitas críticas dos professores, alegando que este era um ensinamento muito superficial das duas áreas, o currículo foi modificado. Através da lei nº2008/88, as matérias de história e geografia passaram a ser ensinadas separadamente, nos últimos anos do ensino fundamental, e em 1997 os estudos sociais foram abolidos totalmente dos currículos, porém mesmo que o ensino destes conteúdos tenha voltado a se difundir, por conta desta experiência, é possível encontrar diferenças nos livros novos, disponibilizando novos recursos aos educadores.

Ao ler alguns livros didáticos de história atuais, disponibilizados pelo MEC (Ministério da Educação), analisei que estão mais adequados, do que os livros estudados pelas pesquisadoras Pesavento e Ostermann em 1985, no que diz respeito aos fatos importantes da história do estado. O livro *Rio Grande do Sul* de 2012, destinado a 4^o ou 5^o ano, busca contextualizar os acontecimentos do estado com a situação do país nas épocas apresentadas. No capítulo sobre a Revolução Farroupilha a história é contada desde a independência do Brasil, citando a existência de outros conflitos no país, e em boa parte do texto o autor mostra a situação da escravidão durante o conflito, um aspecto que não era exposto com tanta frequência nestes materiais, há alguns anos atrás.

O mesmo livro didático possui vários capítulos sobre os imigrantes do estado, alemães, italianos, poloneses, judeus, entre outros, e suas contribuições para a cultura, considerando que a identidade gaúcha foi constituída por diversos povos, e que, portanto, não possui uma só origem, nem mesmo se limita ao perfil dos soldados farrapos. Em uma das passagens em que fala sobre os espanhóis e a cultura, o autor apresenta o seguinte fato:

Para um estado que no passado, pertenceu a Espanha, pouco restou de “puramente” espanhol. Mas, da indumentária às formas de expressão, muita coisa permaneceu. A cultura espanhola, combinada com os costumes dos portugueses, que avançaram a “ferro e fogo” para o sul, teve como resultado o gaúcho, com uma cultura própria.

O gaúcho segundo os historiadores da fronteira, “é mais espanhol que português”. Em Santa Vitória do Palmar, por exemplo, alguns termos

deixam isso muito claro. Santa Vitória não conhece o pássaro João-de-Barro por esse nome, mas por ornejo.

Um outro fato que achei particularmente interessante, conta sobre como os espanhóis se estabeleceram no Rio Grande do Sul:

Os imigrantes espanhóis que se estabeleceram no Rio Grande do Sul não vieram em uma corrente migratória específica, como os italianos [...]. Eles foram penetrando no Rio Grande do Sul ao longo do tempo. Na passagem do século XIX para o século XX, a Espanha passou por grandes dificuldades, que levou milhares de espanhóis a deixar seu país. Muitos vieram para o Rio Grande do Sul.

Alguns se estabeleceram na zona rural, trabalhando na pecuária ou na agricultura. Outros ainda foram trabalhar em minas de carvão na região de São Jerônimo e Butiá, no vale do rio Jacuí.

Este trecho me chamou a atenção porque conheci muitas coisas sobre a história da região do carvão, através de familiares e da escola, e nota-se algumas características similares ao que o autor do livro descreve sobre Santa Vitória do Palmar, há uma grande influência espanhola sobre as práticas culturais (na fala, nas comemorações, entre outras), mas que não são reconhecidas como herança cultural.

4 DE ONDE VÊM ESSE GAÚCHO?

A ideologia do gauchismo encontra facilidade em afirmar uma identidade, porque se apega a valores e características bem aceitas na sociedade em que está inserida, é fácil desenvolver um sentimento de pertencimento quando nos envolvemos com as práticas que cultivam essa ideia, o conhecido “orgulho de ser gaúcho”²⁰. Há diferença entre ter orgulho sobre fatos reais, que merecem reconhecimento e respeito, e o orgulho de uma tradição construída por fragmentos de diversas culturas e mitos.

As “tradições inventadas”²¹ são um conjunto de práticas e rituais considerados como antigos, que se estabelecem através das repetições e dessa forma impõe valores e regras a um determinado grupo social (HOBBSAWM, 2006 *apud* ZALLA, 2010). Existem grupos pelo mundo todo que criaram tradições e costumes, que permitem até mesmo modificações de acordo ao seu espaço e tempo, mas que reconhecem a autoria e as influências de suas criações, como no caso do escotismo²², por exemplo. No caso da tradição criada pelo grupo aqui apresentado, de acordo com os ensinamentos reproduzidos na escola, na mídia e demais meios informativos, não esclarecem de forma direta a própria autoria por certas práticas e nem mesmo a grande influência de outros povos, deixando aberta a ideia de que as ações que realizamos hoje, são advindas do que se realizava no passado.

Nas experiências que tive, quando os costumes ditos tradicionalistas são ensinados na escola, referenciando a identidade gaúcha, raramente se fala nas características espanholas que se encontram na dança, na roupa e em outros diversos rituais. Durante o semestre de intercâmbio acadêmico que realizei em Granada, província de Andaluzia, no sul da Espanha, tive a oportunidade de realizar estudos, na Universidade, sobre a cultura local, e a partir do convívio com os moradores e a presença em eventos tradicionais, comecei a perceber grandes

²⁰ “Orgulho de ser gaúcho” é um slogan muito utilizado por empresas estaduais, principalmente pelo Banrisul, o banco do estado do Rio Grande do Sul.

²¹ “Tradições Inventadas”, termo de Eric Hobsbawm em *A invenção das Tradições*, 2002, consultado através de Zalla, 2010.

²² O escotismo possui um conjunto de leis e tradições, mas se adapta conforme seu tempo e local, para exercer práticas coerentes com a realidade do grupo.

semelhanças com os costumes do Rio Grande do Sul, pois as cavalgadas, as quermesses e os acampamentos que conhecemos, são praticamente iguais as celebrações feitas pelos andaluzes, que inclusive identificam suas influências árabes.

A festa do Dia de la Cruz (Cruz de mayo)²³ é muito semelhante aos festejos da Semana Farroupilha, possuem locais privados semelhantes aos “piquetes”, as pessoas se vestem com trajes considerados típicos (Figura 7), fazem cavalgadas e realizam apresentações de canto e dança. As férias de Andalucía²⁴, lembram as quermesses como as que se realizam nas festas de Santa Bárbara²⁵, em Charqueadas, são realizadas próximas as igrejas, possuem parques e barraquinhas de comércio. Comparando os lugares percebi o quanto nossos costumes apresentam influência espanhola, talvez herdada pelos colonos mineiros da região, ou pela proximidade com os países do Prata, mas o fato é que quando se ensina sobre raízes culturais na escola, não ouvimos quase nada sobre as contribuições deste povo (Figuras 8, 9, 10, 11, 12 e 13).

Figura 7 – Meninas vestidas de Sevillanas, no Dia da Cruz



Fonte: Fotografia de Mariana Chaise (Acervo Pessoal)

²³ O *Dia de la cruz* (Dia da Cruz), também é conhecido como *Cruz de mayo* ou *Palo de mayo* (Cruz de maio ou Pau de maio), é uma festa que comemora a chegada da primavera com rituais de culto a natureza, nos bairros antigos se enfeitava um tronco com flores, a partir do período do cristianismo, passaram a utilizar uma cruz, ao invés dos troncos.

²⁴ As *Ferías de Andalucía*, são feiras elaborados pelas associações de comerciantes, compostas por rituais com elementos culturais de Andalucía. <http://www.asociaciondeferiantesdeandalucia.com/>

²⁵ Santa Bárbara é a padroeira dos mineiros, por isso é padroeira das cidades da região, no dia 4 de dezembro se realizam comemorações em homenagem a santa.

Figura 8 – Cavalgada do Dia da Cruz, em Andaluzia



Fonte: Fotografia de Mariana Chaise (Acervo Pessoal)

Figura 9 – Cavalgada Farroupilha do 20 de setembro, em Charqueadas



Fonte: Fotografia de Fernanda Gomes (Acervo Pessoal)

Figura 10 – Apresentação de Sevillanas, na região de Andaluzia



Fonte: Fotografia de Mariana Chaise (Acervo Pessoal).

Figura 11 – Apresentação de Prendas, no ENART 2013



Fonte: Imagem encontrada em: www.camaqua.rs.gov.br

Figura 12 – Meninas vestidas de Sevillanas, no Dia da Cruz



Fonte: Fotografia de Mariana Chaise (Acervo Pessoal)

Figura 13 – Meninas vestidas de Prenda no dia 20 de setembro



Fonte: Fotografia de Janaína Gomes (Acervo Pessoal)

Figura 14 – Meninos vestidos com traje cordobés, no Dia da Cruz.



Fonte: Fotografia de Mariana Chaise (Acervo Pessoal).

Figura 15 – Menino vestido com traje gaúcho.



Fonte: Imagem encontrada em: <http://mtg-rs.blogspot.com.br>

A semelhança se observa na música, na dança, nas vestimentas, mas também no comportamento e nas expressões de sentimento. O orgulho da terra onde nasceu, a procura por se distinguir do resto do país, por conta dos preconceitos que recebe dos habitantes de outros estados (que é visível na mídia nacional), também são expressados pelos andaluzes, demonstram orgulho de sua terra, reclamam dos outros espanhóis, e se identificam a imagem de um sujeito

bravo e ao mesmo tempo cortês. O comportamento “bairrista”²⁶, os valores e a relação com a natureza, de ambos, se apresenta como uma identidade do Sul, caracterizada pelo clima, pela paisagem e por definições sócio históricas do cidadão sulista.

No documentário *A linha Fria do Horizonte*²⁷, vários músicos do Brasil, da Argentina, do Uruguai e da Espanha, falam sobre a composição da música tradicional dos pampas, que ignora fronteiras, e compartilha um sentimento ligado a “estética do frio”. Um comentário interessante feito pelo cantor Vitor Ramil, neste vídeo, fala da preocupação dos músicos gaúchos (apresentados no documentário) em mostrar uma identidade diferente, revelando que nem toda música gaúcha é necessariamente ligada ao gauchismo. Talvez a geografia dos pampas tenha facilitado essa aquisição e adaptação de costumes entre os países ibero-americanos, pois é mais próximo aos países vizinhos, do que do resto do próprio país.

²⁶ *Bairrista*, uma pessoa que defende a terra natal, tratando por vezes com desdém os outros lugares.

²⁷ Documentário *A Linha Fria do Horizonte*, dirigido por Luciano Coelho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi analisar a constituição da identidade gaúcha, que se apresenta nas instituições educacionais públicas, com propostas de ensino tradicionalista, através de um estudo sobre as ações de ensino que exercem, e das influências que foram incorporadas ao longo do tempo, na constituição da identidade local.

Em virtude dos fatos mencionados pude constatar que a construção da identidade gaúcha produzida, dentro dos espaços escolarizados direcionados ao ensino do folclore do Rio Grande do Sul, vinculados ao Movimento tradicionalista gaúcho, desenvolveu-se dentro de um processo da constituição de um perfil regional, e da procura por reconhecimento social, que busca preservar uma cultura simbólica de preservação da nossa história. De acordo com Bourdieu (1989), “Por toda parte em que são observados, tais *ciclos de consagração* têm por função realizar a operação fundamental da alquimia social, de transformar relações arbitrárias em relações legítimas”, analisando desta forma, os efeitos da legitimidade das imposições simbólicas da cultura, podem causar grandes impactos nas sociedades em que atuam.

No processo histórico de organização social deste local, os moradores mais influentes, desenvolveram um perfil que representa suas relações com a vida no meio rural (charqueadores, cidades fazendeiras), e a vida urbana (a mineração, a criação de polos industriais), associadas as profissões de destaque no crescimento local. Com a chegada do Movimento Tradicionalista, esses sujeitos encontraram uma oportunidade de legitimar estas relações, utilizando os mitos do movimento como uma forma de preservação do passado e de reconhecimento social. O envolvimento entre a escola e o MTG não ocorreu por acaso, o movimento surgiu dentro de um espaço escolar, e possuía o objetivo de cultivar essas “tradições” para as próximas gerações, e assim expandiram suas práticas para os espaços de ensino, através dos membros de CTGs, que atuavam nas escolas.

As práticas de ensino da história e do folclore são baseadas nos mitos do MTG, se associa a identidade gaúcha a uma herança advinda das batalhas, dos “heróis de guerra”, do homem do campo que luta e que não se deixa escravizar, um

sujeito que vive livre, desbravando a terra. Com facilidade aqueles que crescem ouvindo o quanto este perfil é valorizado o aderem em busca de uma boa aceitação social. É interessante também pensar na falta de reconhecimento das influências de outros povos, na procura por definir o perfil gaúcho brasileiro, e na omissão de fatos históricos, que compõem esses ensinamentos, pois estas práticas acabam por ensinar sobre a mitologia do gauchismo como uma única versão legítima dos fatos históricos do estado.

Por fim concluo que assim como essa identidade ligada ao movimento gaúcho se encontra nas escolas da região carbonífera, outros fatos semelhantes também se apresentam em outros locais do estado, e seria interessante realizar comparações para observar que mudanças estão surgindo e que influências ocorrem em outras estâncias, devido a esses processos na instituição escolar. A realização deste trabalho deve servir para repensar as ações da escola, se reconhecendo como um espaço de desenvolvimento social, e com responsabilidade pelos saberes que produz e reproduz nos sujeitos que a compõe.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Capital Cultural, Escuela y Epacio Social**. México: Siglo XXI, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Identidade e a Representação**: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. O poder simbólico, v. 2, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- BRUMM, Ceres. **As (Re)configurações do Gauchismo**: pensando as relações entre o movimento tradicionalista e a escola. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.
- FREITAS, Letícia. **A Pedagogia do Gauchismo**: uma análise da diáspora gaúcha. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.
- FREITAS, Letícia; SILVEIRA, Rosa Maria. Lições de gauchismo presentes em livros didáticos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, set./dez. 2009.
- FREITAS, Letícia; SILVEIRA, Rosa Maria. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano 27, v. 2, n. 53, p. 263-28, maio/ago. 2004.
- GOLASZ, Luiz Henrique. **Arroio dos Ratos, a Mineração e o Museu do Carvão**: a história e sua representatividade, através da materialidade. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.
- HOFMEISTER, Naira. **Paixão Côrtes**: na janela. Porto Alegre: Secretária de Desenvolvimento e Promoção do Investimento / Governo do Estado do Rio Grande do Sul. v. 2, p. 11, mar. 2014.
- KHÜN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Novo Século, 2011.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. **Apontamentos Sobre a Figura do Gaúcho Brasileiro**: olhares cruzados. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000.
- OLIVEN, Ruben George. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Cláudia. **Fronteiras da Cultura**: horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

PESAVENTO, Sandra J.; OSTERMANN, Nilse. **A História do Rio Grande do Sul: a versão, o mito e a proposta de um ensino crítico**. Porto Alegre: CORAG, 1985.

PILETTI, Felipe. **Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ática, 2012.

ROESE, Mauro. A metodologia do estudo de caso. **Cadernos de Sociologia**, v. 9, p. 189-200, 1998.

SILVA, Kalina, SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

ZALLA, Jocelito. **O Centauro e a Pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.